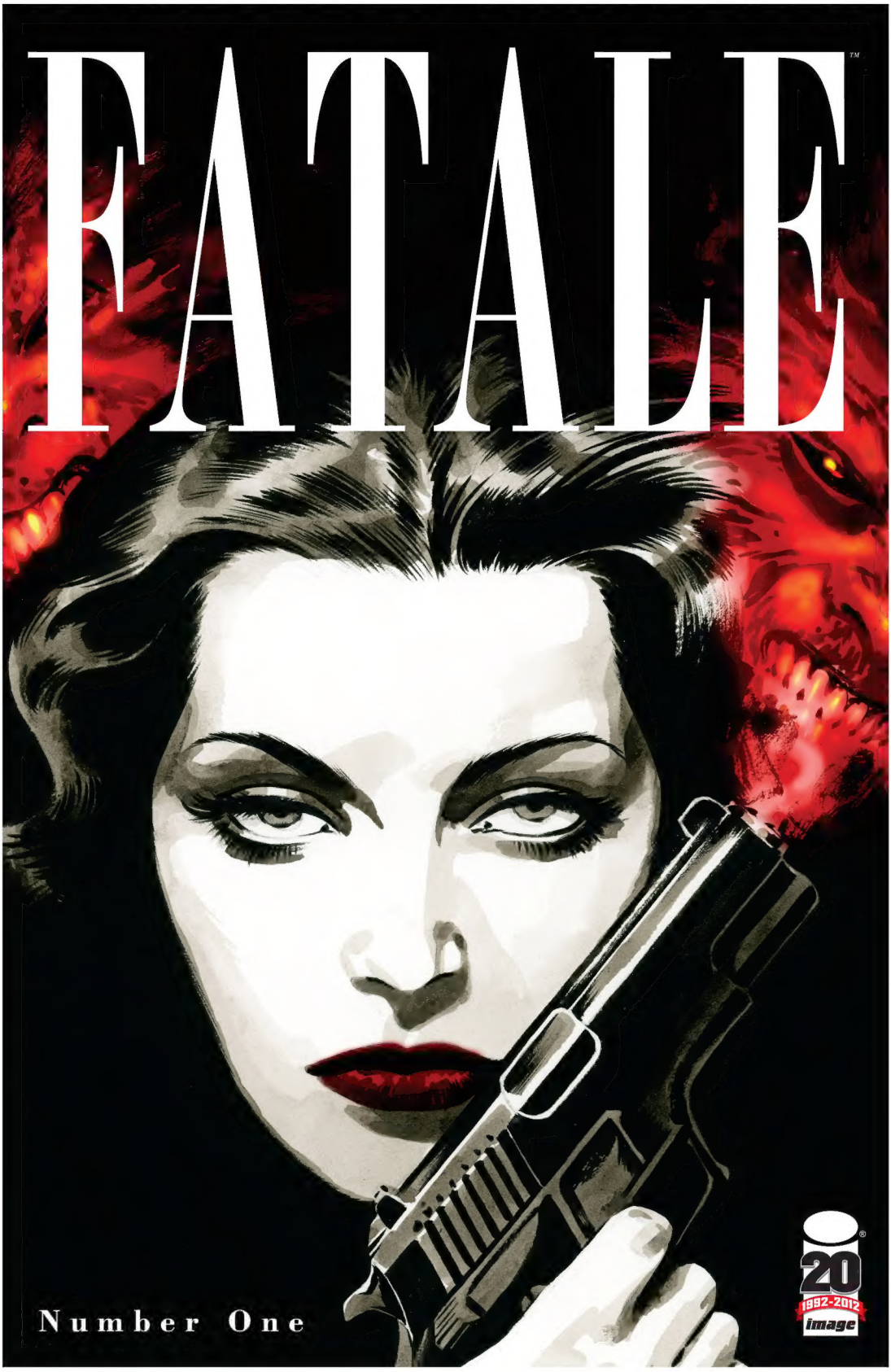
ED BRUBAKER SEAN PHILLIPS



ED BRUBAKER SEAN PHILLIPS

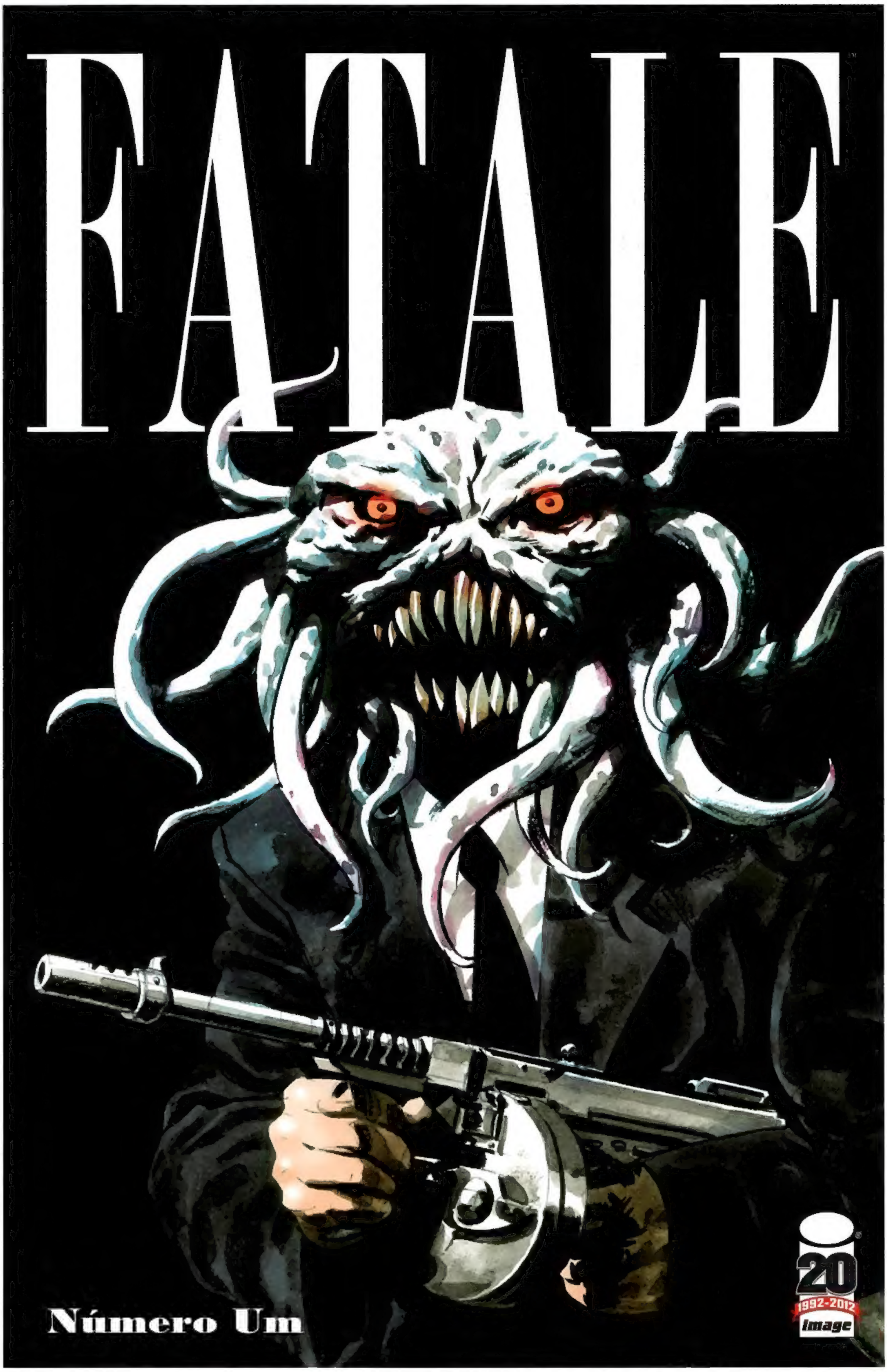
FATALE™

Número Um

20 1992-2012 image

ED BRUBAKER SEAN PHILLIPS

FATALE



Número Um

20 1992-2012 Image

ED BRUBAKER SEAN PHILLIPS

Cores de Dave Stewart

LIVRO UM

A Morte me Persegue

Tradutor: Linnus

Diagramador: Garra das trevas

IMAGE COMICS, INC.

Robert Kirkman - chief operating officer
Erik Larsen - chief financial officer
Todd McFarlane - president
Marc Silvestri - chief executive officer
Jim Valentino - vice-president

Eric Stephenson - publisher
Todd Martinez - sales & licensing coordinator
Sarah deLaine - pr & marketing coordinator
Branwyn Bigglestone - accounts manager
Emily Miller - administrative assistant
Jamie Parreno - marketing assistant
Kevin Yuen - digital rights coordinator
Tyler Shainline - production manager
Drew Gill - art director
Jonathan Chan - senior production artist
Monica Garcia - production artist
Vincent Kukua - production artist
Jana Cook - production artist

www.imagecomics.com

FATALE #1. January 2012. Published by Image Comics, Inc. Office of publication: 2134 Allston Way, 2nd Floor, Berkeley, CA, 94704. Copyright © 2012 Basement Gang Inc. All rights reserved. FATALE™ (including all prominent characters featured herein), their logos and all character likenesses are trademarks of Basement Gang Inc, unless otherwise noted. Image Comics® is a trademark of Image Comics, Inc. All rights reserved. No part of this publication may be reproduces or transmitted, in any form or by any means (except for short excerpts for review purposes) without the express written permission of Image Comics, Inc. All names, characters, events and locale in this publication are entirely fictional. Any resemblance to actual persons (living or dead), events or places, without satiric intent, is coincidental. For information regarding the CPSIA on this printed material call: 203-595-3636 and provide reference # EAST–420259. International Rights Representative: Christine Meyer (christine@gfloystudio.com)

Prólogo

Eis aí como toda a minha saiu dos trilhos em um dia.

Começou com o funeral de *Dominic Raines*...

...e é claro que o clima estava tão ruim quantona maioria dos *romances* do velho.

Não que muitas pessoas fossem aparecer de qualquer jeito.

Acho que o meu pai era o seu único amigo de *verdade*...

...e papai estava em uma *instituição* há mais de uma década.

Foi assim que acabei sendo o executor do *espólio de Raines*.

COM LICENÇA... SR. *LASH*?

VAI QUERER QUE O *PADRE* LEIA ALGUMA COISA?

NÃO, O SR. RAINES ERA *ATEU*...

ENTENDO... ENTÃO VAMOS DEIXÁ-LO COM ISSO.

Eu não a vi no meio da pequena multidão, o que, relembrando, é estranho.

Mas eu estava distraído com as *inscrições* na lápide.

Raines não era *apenas* um ateu... ele detestava *todas* as religiões.

Então, o que diabos era *aquilo?*

É UM SÍMBOLO *INVENTADO*...

DOMINIC H. RAINES
1932 - 2011
De Onde Ele Veio

...SE É O QUE ESTÁ SE PERGUNTANDO.

ME DESCULPE?

A MINHA AVÓ TAMBÉM TINHA DESSES NA SEPULTURA *DELA*...

ELA E O SR. RAINES JÁ FORAM *APAIXONADOS*.

ACHO QUE ESSE SÍMBOLO É ALGO *PARTICULAR* ENTRE ELES...

ALGUM PEDAÇO DO *PASSADO* QUE ELES NÃO PUDERAM DEIXAR PASSAR.

ISSO É... *TRISTE*.

É... EU ACHO QUE É...

SOU NICOLAS LASH... DOMINIC ERA O MEU *AVÔ.*

AS PESSOAS CHAMAM VOCÊ DE "NICK"?

NÃO SE EU PUDER EVITAR.

NICOLAS, ENTÃO. EU SOU JÔ.

PRAZER EM CONHECÊ-LO.

FOI UMA BELA CERIMÔNIA... ELE TERIA GOSTADO, APOSTO.

Mais tarde, fiquei me perguntando por que os meus pés pareciam colados no chão enquanto ela se afastava.

Como é que só com umas poucas palavras, ela conseguiu me fazer sentir como um moleque de escola de novo.

Sem palavras.

Não sabia que isso ainda podia acontecer.

Naquela noite, na velha casa de Dominic, ao norte, perto da costa...

...eu pensava no que ela disse, sobre Raines e a avó dela.

Será que o cretino era só um velho de coração partido todos esses anos?

Será que a avó dela era a *musa* que inspirava a produção de suas horríveis histórias de detetive?

Bestsellers, é *claro*, mas puro lixo.

E aí, eu descobri o que eu *sabia* que estaria enterrado aqui, em algum lugar...

...um manuscrito *não publicado.*

O que eu *não* esperava era a data nele.

O LADO NEGRO DA ETERNIDADE

Por Dominic Raines

Junho, 1957

Raines não publicou nada até 1960.

Este foi o seu *primeiro livro?*

De repente, a minha *herança* não parecia tão pequena, afinal.

E mais que de repente...

QUEM DIABOS É *ESSE...?*

...todas as ideias de grande fortuna se evaporaram.

E eu percebi *claramente* o quanto na verdade eu estava longe no meio do bosque.

E o quanto a *polícia* deveria estar longe.

Eu só tinha exatamente *um* pensamento então — *correr pra cacete.*

EI--

FIQUE FORA DO CAMINHO.

GRAAAAHHHH--!

VAMOS!

Só bem depois que fugimos pelos bosques até o carro dela...

...e corremos para o sul pela *Rodovia I*...

...que consegui me forçar a falar.

O QUE-- O QUE VOCÊ É... POR QUE--?

EU TERIA BATIDO NA PORTA DA FRENTE, MAS VI QUE *ELES* IAM PARA LÁ...

EU QUERIA VER ALGUMAS COISAS DE DOMINIC...

ACHAR ALGUMA COISA SOBRE A MINHA *AVÓ*...

JESUS.., QUEM É VOCÊ?

E QUE PORRA *SÃO* AQUELES CARAS?

SINTO MUITO... EU DEVIA TER CHEGADO LÁ MAIS CEDO.

MERDA.

O QUÊ?

ELES ESTÃO NOS *SEGUINDO.*

ONDE? ESPERA-- O *AVIÃO?*

VOCÊ SÓ PODE ESTAR *BRINCANDO* COMIGO?

Mas não, é *claro* que ela não estava...

JESUS... ESTÃO TENTANDO *POUSAR?*

NÃO. ACHO QUE NÃO.

Porque, como eu disse no começo...

SINTO *MUITO*, NICOLAS!

Esse foi o dia em que a minha vida virou uma loucura...

JESUS!

O dia em que a conheci...

E nada mais foi o mesmo depois disso.

Nem poderia ser.

Quando eu acordei, cinco dias depois, eu estava em hospital em San Francisco.

Tinha uma vaga lembrança de Jô me levar para um lugar seguro...

...e colocar o *Manuscrito* de Dominic de novo em minhas mãos.

Os médicos disseram que eu tive sorte em ainda estar vivo.

Eles me explicaram que ainda iria sentir a minha perna durante *anos*, embora ela tivesse sumido.

Dores fantasmas, é como eles chamam.

Mas o fantasma da *minha* perna não dói, só coça.

Entretanto, a dor viria mais tarde.

Tenho certeza disso.

Capítulo Um

San Francisco — 1956

JOSEPHINE TENTOU NÃO TROCAR OLHARES COM NINGUÉM DO BAR.

ELA NEM SABIA COMO ISSO FUNCIONAVA, MAS O ***CONTATO VISUAL*** PARECIA FAZER PARTE DAQUILO.

OBRIGADA.

O ***REPÓRTER*** ESTAVA ATRASADO, O QUE LHE DAVA ALGUMA ESPERANÇA.

TALVEZ ELE NEM APARECESSE AFINAL.

TALVEZ ELE TENHA PERCEBIDO A ENCRENCA EM QUE ESTAVA SE METENDO E TENHA PULADO EM UM TREM.

MAS, É CLARO QUE, PELA SUA EXPERIÊNCIA, A ENCRENCA ***NUNCA*** FOI O IMPEDIMENTO QUE SE PENSA QUE DEVERIA SER...

DESCULPA, TIVE QUE PERDER A CALMA NO ***SUNSET***... LEVARAM UMA ETERNIDADE PARA ME DAR O TROCO.

O QUE ESTÁ BEBENDO?

SCOTCH... MAS ESTOU AQUI ***FORÇADA***...

...ENTÃO, NÃO VAMOS FINGIR QUE É UM TIPO DE ***PAQUERA***.

ORA, VOCÊ ACABOU DE TIRAR A GRAÇA DESTA NOITE *TODA*, NÃO É?

NÃO SEJA MAIS IDIOTA DO QUE JÁ *É*.

VOCÊ ESTÁ NOS METENDO EM UM GRANDE *PERIGO* AGORA MESMO, SR. RAINES.

POR FAVOR, ME CHAME DE *HANK*.

E EU *PROMETO*, NINGUÉM SABE DO NOSSO ENCONTRO.

NINGUÉM SABE NEM QUE ESTOU *INVESTIGANDO* A HISTÓRIA.

WALTER IRÁ... SE VOCÊ ACHAR O QUE ESTÁ *PROCURANDO*, ELE VAI SABER...

E VAI SABER QUE EU TE CONTEI.

ENTÃO, VOU PROTEGER VOCÊ.

ELE ESTARÁ NA *PRISÃO*, DE QUALQUER MODO... MAS EU *IREI*.

EU IREI PROTEGER VOCÊ, JOSEPHINE.

ESTÁ ACONTECENDO DE NOVO, ELA PENSOU.

E ELA PENSOU, *POR QUE OS HOMENS SÃO TÃO IDIOTAS?*

MAS ELA ***PRECISAVA*** DE HANK RAINES E ELA GOSTAVA DE SUA INTREPIDEZ ESTÚPIDA...

POIS ELA SABIA QUE ELE JÁ TINHA SEGUIDO AQUELE CAMINHO ANTES DE ELA O CONHECER.

TUDO BEM... O QUE É QUE VOCÊ JÁ SABE?

EU SEI QUE WALT BOOKER E SEU PARCEIRO SÃO ***CORRUPTOS*** COMO O DIABO...

...MESMO PARA TIRAS DE SAN FRANCISCO.

E SEI QUE ***UM DELES*** MATOU AQUELA TESTEMUNHA.

MAS NÃO POSSO PROVAR NADA AINDA.

E VOCÊ QUER QUE ***EU*** LHE CONTE ONDE ENCONTRAR AS PROVAS, É ISSO?

QUERIA, SIM... MAS, AO INVÉS DISSO, AGORA QUERO SABER UMA OUTRA COISA.

E O QUE É?

COMO UMA MULHER COMO VOCÊ PODE SER ***SUSTENTADO*** POR UM HOMEM COMO BOOKER...

O QUE DIABOS ELE ***TEM*** COM VOCÊ?

JESUS, WALT... EU SEI QUE ESSE FOI FEIO...

...MAS SE OS DE UNIFORME VIREM VOCÊ BOTANDO OS BOFES PARA FORA...

...A FOFOCA NUNCA VAI CHEGAR AO FIM LÁ NO DISTRITO.

CaFF CaaFF

VAI TE FODER, LANNIE...

...EU SÓ A RESSACA.

BEM, ESPERO QUE TENHA MELHORADO ENTÃO...

...POIS, SÓ FICA PIOR NO SÓTÃO.

VIU O QUE EU DISSE?

...MEU DEUS...

E ENTÃO... NÃO TEM *LUZ* AQUI EM CIMA?

ESTÃO RESOLVENDO ISSO.

OS FUSÍVEIS DESTE ANDAR *DERRETERAM* NA CAIXA QUANDO QUEIMARAM...

CUIDADO ONDE *PISA*...

NÃO TEM TRILHA LIVRE ENTRE TRIPAS E SANGUE...

E ESTOU CONTANDO OUTROS TRÊS *DESSES* ESQUISITOS MORTOS...

NENHUM SINAL *ÓBVIO* DO MOTIVO...

...E MAIS *ESSE* CARA, NÃO TEM NADA *ALÉM* DAS CAUSAS DA MORTE.

MESMO ANTES DE ENTENDERMOS A *CRUCIFICAÇÃO* DE CABEÇA PARA BAIXO.

MAS NÃO É ISSO AÍ...

ELE É O *ENFOR-CADO*...

FORCA?

ENFOR-CADO... NO PASSADO.

É DESSA MERDA TODA DE *OCULTISMO*...

...COMO *ESSES* IDIOTAS.

ACHOU ALGUMA COISA?

NÃO... NEM MESMO AS CARTEIRAS.

PROVAVELMENTE, LÁ EMBAIXO.

PARECE QUE O *CULTO* INTEIRO VIVIA LÁ EMBAIXO...

...AH HÃ...

JÁ TINHA VISTO *ALGUMA COISA* ASSIM, WALT?

É. MAS SÓ UMA VEZ...

LÁ NA EUROPA... NA *GUERRA*.

ERAM SEMPRE OS MESMOS SONHOS...

...NAQUELAS NOITES EM QUE ELES DORMIAM JUNTOS.

A PRIMEIRA VEZ QUE ELA TINHA VISTO *WALTER.*

A GUERRA.

NAS MASMORRAS DA ROMÊNIA.

E TODAS AS VEZES...

...ELA AINDA ACORDAVA TREMENDO.

HUUUH -

COMO SE TIVESSE SAÍDO ***DIRETO*** DAQUELE INSTANTE NO TEMPO.

WALTER ESTAVA NO FIM DO CORREDOR, NO BANHEIRO, ***VOMITANDO*** DE NOVO.

ULTIMAMENTE, ELE TEM ESTADO MUITO FRACO.

AO PONTO DE, ÀS VEZES, NEM APARECER.

O QUE ERA CADA VEZ MENOS NOS ÚLTIMOS ANOS.

SÓ O SUFICIENTE PARA TER CERTEZA DE QUE ELA AINDA ERA ***DELE***.

MAS O JEITO COM QUE ELE A OLHAVA TINHA FICADO MEIO ***ATRAVESSADO.***

E JOSEPHINE NÃO ***RECONHECIA*** MAIS O QUE VIA NOS OLHOS DELE.

ELA SÓ SABIA QUE ESTAVA FICANDO SEM TEMPO.

ELA ESPERAVA ATÉ OUVIR WALTER SAIR DE CARRO...

E AÍ, ELA COMEÇAVA A PENSAR NO REPÓRTER.

PENSANDO O MAIS FORTE QUE PODIA.

...JESUS...

HANK JÁ ESTAVA BEM ATOLADO... E SABIA DISSO.

DESEJAVA NUNCA TER CONHECIDO JOSEPHINE.

DESEJAVA NUNCA TER SEGUIDO BOOKER ATÉ O APARTAMENTO DELA.

AGORA ERA COMO SE ELE ESTIVESSE INFECTADO... TODA VEZ QUE FECHAVA OS OLHOS...

SIMPLESMENTE, NÃO ERA JUSTO...

NÃO ERA O TIPO DE SEGREDO QUE ESTAVA TENTANDO REVELAR.

ELE DEVERIA ESTAR PENSANDO EM SUA MULHER, COM SEU FILHO A CAMINHO...

ELE DEVERIA ESTAR PENSANDO EM SEUS PLANOS FUTUROS...

E NÃO ESTAR OBCECADO COM TIRAS CORRUPTOS...

...E COM AS MULHERES COM QUE ELES DORMIAM.

MAS ELE NÃO CONSEGUIA CONTROLAR SUA MENTE E NUNCA TINHA SENTIDO ***NADA*** ASSIM ANTES.

SÓ PENSAR NO NOME DELA ERA COMO UM SOCO NO ESTÔMAGO.

E AGORA ELE NEM CONSEGUIA DORMIR.

TUDO O QUE ELE PODIA FAZER ERA TENTAR IMAGINAR COMO ELE IRIA SALVÁ-LA DAQUELE SAFADO DO ***BOOKER***.

O CARTÃO QUE WALT BOOKER TINHA TIRADO DO CULTUADOR ERA DE UM *ANTRO DE ÓPIO* DE CHINATOWN.

NÃO ERA UMA PARTE DA CIDADE EM QUE QUISESSE ARRUMAR ENCRENCA.

ELE ESPERAVA QUE OS HOMENS QUE ELE ESTAVA *PROCURANDO* SENTISSEM O MESMO.

UNNN...

POR QUE A MÁGICA DE JÔ NÃO FUNCIONAVA COM ELE?

POR QUE ELA CONTINUAVA A MESMA...

...ENQUANTO ELE ESTAVA CUSPINDO NACOS DE SEUS PULMÕES?

ELE JÁ SE SENTIA VELHO E SECO PERTO DELA...

...O CÂNCER SÓ ACRESCENTAVA DOR AO INSULTO.

EM SEUS PIORES DIAS, ELE NEM QUERIA PENSAR NELA.

E ELE NUNCA TINHA IMAGINADO QUE O DIA CHEGARIA.

MAS, DE QUE ADIANTAVA AMAR ALGUÉM *TÃO PERFEITA*...

...QUANDO FICA SE VENDO NO ESPELHO SE DESFAZER EM *PÓ* TODAS AS MANHÃS?

GRANDE ERRO.

VOCÊ SAIU MUITO DE SEU TERRITÓRIO, POLICIAL...

MANTENHA A DISTÂNCIA, FIDO.

NÃO ESTOU ATRÁS DE VOCÊ.

E SEI EXATAMENTE ONDE ESTOU.

ENTÃO... É O *QUÊ?*

PELO QUÊ VOCÊ *ESTÁ* ARRISCANDO O SEU PESCOÇO?

QUERO ENCONTRAR O SEU CHEFE...

ELE VAI *SABER* QUEM EU SOU. EU TENHO UMA COISA QUE ELE *QUER.*

VOCÊ TEM?

É MESMO?

É, EU *TENHO*...

...E VOCÊ VAI DIZER A ELE QUE QUERO FAZER UM *ACORDO.*

Continua

Havia ratos na parede. Bem, pelo menos um. Dava para ouvi-lo arranhando e roendo enquanto eu escrevia as últimas páginas do roteiro desta edição e, mesmo que parecesse apropriado, eu preferia mesmo manter os horrores da vida nos livros e nos filmes. Bem distante.

Mas, ainda assim, é difícil não rir da situação, até o cheiro aparecer. Não tem nada engraçado em um rato morto. Eu acho que era isso que devia atormentar Lovecraft. O cheiro rançoso do horror invisível.

***

Enfim, o primeiro número de FATALE... Nesta altura, presumo que a maioria de vocês já vem seguindo há um tempinho a mim e o Sean, desde SLEEPER, CRIMINAL e INCÓGNITO. Mas, se esta é a primeira vez que experimenta o nosso trabalho, seja bem-vindo, espero que goste do que fizemos. E eu gentilmente direcionaria você ao anúncio de nossa lista de trabalhos algumas páginas à frente.

FATALE é um tipo novo de revista para mim, mas a ideia era algo que eu andava rodeando há um bom tempo. Anos atrás, antes de decidirmos fazer CRIMINAL, eu passei meses trabalhando na ideia de que mesclasse mitologia, história, horror e magia... e ela acabou ficando grande demais para embrulhar a minha cabeça. Eu não consegui fazê-la funcionar e parecia muito que eu estava tentando ser outra pessoa, um tipo de escritor diferente do que sou. Então, eu a abandonei. Mas, é claro que partes e pedaços da ideia fundamental continuavam martelando na minha cabeça, se reformulando, e meio que persistindo dentro de mim. Estas são geralmente aquelas que acabam se firmando. E foi assim que surgiu FATALE.

É claro que se você visse a antiga proposta (e não vai), poderia reconhecer alguma coisa que viu nesta edição, mas é assim que as ideias funcionam, não é? As partes que eu tirei dela foram só o bastante para me ajudar a descobrir como seria eu e Sean fazendo horror. Descobrindo um modo de fazer isso sem perdermos aquela nossa "voz", se é que me entende. E aposto que é por isso que a nossa versão de horror é uma história criminal e de amor também.

Um acréscimo recente é o nosso colega Dave Stewart, que está colorindo FATALE e que surgiu para nos ajudar na última CRIMINAL, em cima da hora. Dave foi o primeiro colorista com quem trabalhamos, na época de Batman: Gotham Noir e agora, fechando o círculo. E se você for molhar seus dedos nas águas dos quadrinhos de horror, ter ao seu lado o cara que vem colorindo HELLBOY há anos e anos, com certeza, não faz mal.

***

Outras novidades, aqueles de vocês que têm acesso à internet já deve ter ouvido, há alguns meses, que a primeira revista de CRIMINAL, COVARDE, está sendo adaptada para o cinema. David Slade (Menina má.com, 30 Dias de Noite) está designado para dirigir, Jamie Patricof (Half Nelson, Namorados Para Sempre) está produzindo e eu escrevo o roteiro. Nós até já arranjamos o financiamento, assim, se tudo der certo, muito em breve, estaremos lançando um filme.

A menos que eu ferre totalmente o roteiro. Heh. Sem pressão.

***

Como sempre fizemos, desde que começamos CRIMINAL, estamos dando a vocês um pacote completo. Uma história principal mais longa que o normal e, é claro, um artigo e uma ilustração exclusivamente para cada edição. Esses artigos não são reimpressos em nossos produtos e nem nas versões digitais dos quadrinhos, eles são um bônus para vocês, as pessoas que tornam nossas revistas possíveis ao divulgar nossas revistas assim que surgem. Agradecemos por não esperarem pelo comércio.

O artigo deste mês é de nosso velho amigo Jess Nevins esclarecendo o sinistro mundo de H. P. Lovecraft, o patrono de boa parte do horror moderno de um modo ou de outro.

E isso é tudo por este mês, voltamos em fevereiro com a parte dois e, até lá, escreva para nós em:
criminalcomic@gmail.com

Não somos nada sem a sua aprovação.

H. P. Lovecraft e o Horror do Invisível

por JESS NEVINS

H. P. Lovecraft morreu quando eu tinha 47 anos. Ele só tinha o primeiro ano do primário e nunca se formou numa faculdade. Ele viveu na pobreza por toda a sua vida adulta. Das 48 histórias e três obras do porte de um romance que escreveu quando era adulto, apenas 26 apareceram em revistas profissionais (e não amadoras) durante sua vida. A maior atenção que recebeu dos estabelecimentos literários durante sua vida foi quando o crítico Edward J. O'Brien incluiu "A Cor que Caiu do Céu" na influente antologia de O'Brien *Os Melhores Contos.*

E ainda assim, Lovecraft é, por consenso da crítica, o mais influente escritor de horror do século XX. Ele é um dos únicos quatro escritores do gênero a serem honrados com uma coleção na série da *Biblioteca da América.* Lovecraft é talvez o escritor de horror mais estudado e do qual mais se escreve depois de Poe. Lovecraft é geralmente creditado por ter criado a noção do "horror cósmico", a ideia de que o universo não se importa ou é fundamentalmente um inimigo da humanidade. Mas, a história sobre resto do que Lovecraft criou é bem menos conhecida e bem mais interessante.

O horror cósmico não foi criação de Lovecraft. As ideias de que o homem não tem importância para o universo e que a realidade do universo é grande demais para a mente humana compreender foram talvez respostas inevitáveis às descobertas científicas da segunda metade do século XVIII e primeira do XIX e recebeu influência do *schauerroman* alemão ou "histórias de arrepiar". O *schauerroman* são histórias jubilosamente sangrentas repletas de horrores e banhos de sangue, o Grand Guignol um século antes, que se regozijava com cadáveres ambulantes, sociedades satanistas secretas e sacrifícios humanos. Thomas Carlyle as chamava de romances de "taça e punhal" e eles apresentavam um mundo de malignidade cruel no qual o bem frequentemente frágil dificilmente triunfava sobre o crepitante mal insano.

A combinação da ciência começando a questionar a Bíblia e as apresentações fictícias de mundos no qual Deus era fraco, não onipotente, criou em leitores e escritores o sentimento de que o mundo era sem sentido e que os humanos não poderiam lidar com esse conhecimento.

Esse sentimento, que evoluiria para o horror cósmico, penetraria na ficção popular do século XIX. Ele pode ser visto nas histórias de horror de escritores europeus de 1830 e 1840, tais como o russo "Cosmorama" (1833) de Vladimir Odoievsky e o francês "Uma Noite de Cleópatra" (1838) de Théophile Gautier. Pode ser visto no *Zanoni* (1842) de Lorde Bulwer-Lytton e o apelativo *Varney, o Vampiro* (1845-1847) de James Malcolm Rymer. O horror cósmico era um tema recorrente nas histórias de autores influentes e renomados como Arthur Machen e Robert Chambers.

Entretanto, Lovecraft continua sendo o autor mais identificado com o horror cósmico. As linhas de abertura da mais famosa história de Lovecraft e a única citação pela qual, provavelmente, ele será lembrado é:

> *A maior benção do mundo, creio eu, é a incapacidade da mente humana em correlacionar tudo o que ela contém. Vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a mares tenebrosos de infinidade e não estávamos destinados a chegar longe. As ciências, cada uma puxando para o seu próprio lado, nos causaram poucos danos até agora, mas algum dia a junção das peças do conhecimento disperso descortinará visões tão terríveis da realidade e de nossa pavorosa posição dentro dela que só nos restará enlouquecer com a revelação ou fugir da iluminação mortal para a paz e a segurança de uma nova idade das trevas.*

Nesta citação, como em sua ficção, Lovecraft resume o horror cósmico, colocando igual ênfase na aterrorizante qualidade da realidade objetiva e nos seus efeitos destrutivos sobre a psiquê humana.

O horror cósmico não se originou com Lovecraft, mas ele foi o seu mais eficiente defensor e quem teve o maior impacto sobre os autores de ficção de horror do século XX. O consenso é que, como Fritz Leiber escreveu, Lovecraft "mudou o foco do pavor do sobrenatural do homem e seu mundinho e seus deuses, para as estrelas e os abismos negros e insondáveis do espaço intergaláctico".

Mas Lovecraft iniciou outra mudança, uma que tem recebido pouca atenção: ele mudou o foco de uma história de monstros para os seus efeitos sobre suas vítimas. Os efeitos psicológicos do horror e do trauma sobre suas vítimas nunca foram a preocupação principal antes de Lovecraft – mas, é claro, ele escrevia na era de Freud e Jung, quando se estava dando uma nova atenção ao funcionamento interno da mente humana. Lovecraft foi o primeiro do horror a reconhecer as mudanças de perspectivas da mente humana que Freud, Jung e outro psicólogos modernos nos impuseram, assim como Lovecraft estava entre os primeiros escritores de ficção científica a reconhecer os impactos de Einstein e os avanços da Física sobre a perspectiva humana do universo.

Os que zombam de Lovecraft adoram apontar o vocabulário que ele usa para descrever seus monstros literalmente extraterrestres, os shoggots e os Antigos e assim por diante. Mas as aparências de seus monstros são de menor preocupação de Lovecraft do que o que eles fazem com suas vítimas simplesmente por existirem. Quanto à estrutura, as histórias de Lovecraft colocam comparativamente pouca ênfase nos efeitos daquelas criaturas sobre aqueles que as encontram ou simplesmente as veem.

Nisso, Lovecraft foi um verdadeiro desbravador. Nenhum escritor de horror antes, com exceção de Poe, colocou tanta ênfase nos danos psicológicos feitos sobre as vítimas e sobreviventes do horror. Muitos escritores anteriores, desde John Polidori (que escreveu a primeira história moderna de vampiro, "O Vampiro", em 1918) até M. R. James (o maior dos escritores de horror da virada do século), descreveram os efeitos do horror em suas vítimas, mas sempre como efeitos colaterais ou derivados e nunca em pé de igualdade com a descrição de eventos e dos próprios monstros.

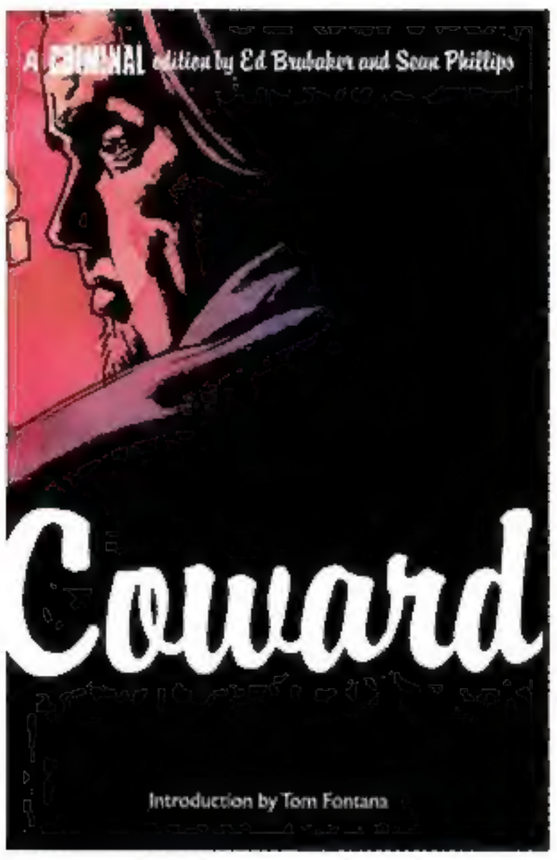
Se Lovecraft é o mais influente escritor de horror do século XX, conforme o consenso da crítica, pelo horror cósmico quanto pela psicologia das vítimas tanto quanto por mudar o pavor do sobrenatural ao medo do invisível que Fritz Leiber descreveu. Isso começou com a resposta de Lovecraft a um dos debates básicos da ficção de horror, começando com o primeiro gênero de ficção de horror, o gótico. O gótico foi o gênero dominante da literatura no Ocidente desde 1790 até 1820. Embora os romances góticos tivessem um conjunto de mecanismos, temas e cenários que a maioria dos autores elaborou, os romances apresentavam um renque de diferentes enredos e personagens. Durante a popularidade do gótico e depois, os autores e críticos interpretaram o gótico de acordo diversos opostos binários: o "masculino" gótico contra o "feminino", o gótico "interno" contra o "externo" e o "terror" gótico contra o "horror" gótico.

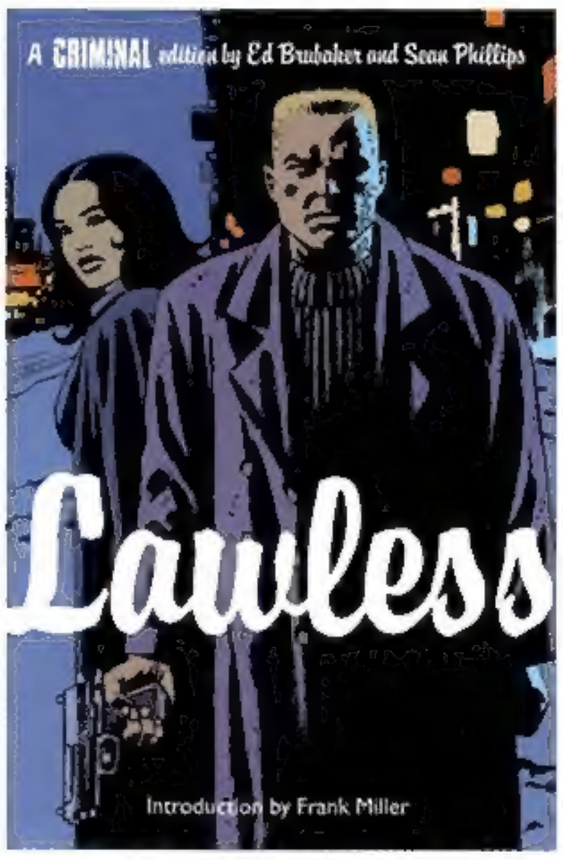
O último é que é relevante aqui. Originalmente, terror versus horror foi a base de um debate em relação a como o gótico deveria ser escrito. Ann Radcliffe, autora de *Os Mistérios de Udolpho* (1794), o romance que começou a moda do gótico, argumentava que o que ela chamava de "terror", com base no sublime e no obscuro, era baseado na imaginação e era uma experiência engrandecedora, enquanto que o que ela chamava de "horror", surgido de uma ameaça física explícita, "restringe, congela e praticamente aniquila" o intelecto.

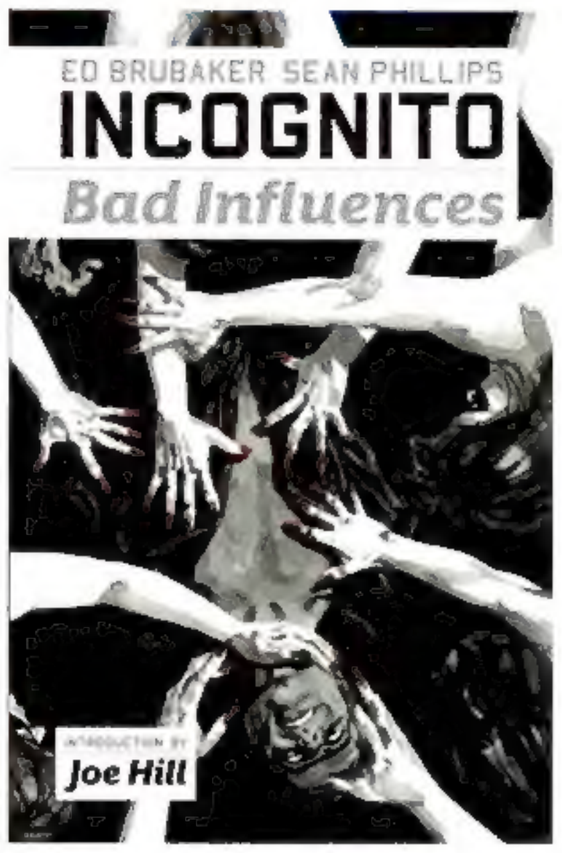
A ênfase de Lovecraft no invisível é o seu voto a favor do "terror" Radcliffeano. Lovecraft escreveu em seu excelente *Horror Sobrenatural na Literatura* que: "A mais antiga e mais forte emoção da humanidade é o medo e o mais antigo e mais forte tipo de medo é o medo do desconhecido". E, em uma carta a Robert E. Howard (criador de *Conan, o Bárbaro*), Lovecraft escreveu: "Eu concordo com o que você diz sobre a sugestão ser a mais alta forma de representação do horror. A base de todo verdadeiro horror cósmico é sempre a *violação da ordem natural* e as mais profundas violações são sempre as menos concretas e descritíveis".

Um subconjunto significativo do horror moderno salienta o terror do corpo violado e o destaca, como nos contos "splatterpunk" e nos filmes "torture porn" como a franquia da serra elétrica. Entretanto, muito do horror moderno adota uma abordagem oposta. De Stephen King para baixo, os escritores e os filmes de horror modernos demoram em revelar o monstro o máximo possível e assim explorar o agradável frisson do medo que tantos fãs do horror apreciam. Um preceito central dos escritores e cineastas de horror é que o que é invisível é bem mais assustador do que o que é visível, que é melhor deixar os leitores e espectadores imaginarem o monstro o máximo possível antes de vê-lo nos momentos finais. H. P. Lovecraft merece os créditos de ser o primeiro a estabelecer este clima de insanidade e os efeitos psicológicos do imaginado e do invisível no horror moderno.

Descubra o mundo de Brubaker e Phillips...







FATALE Number One Ed Brubaker Sean Phillips $3.50 Different In Canada

Rated M / Mature, Cover A

7 09853 01151 4 00111

imagecomics.com